

## **A prostituição em hotéis executivos de Porto Alegre**

*Liciane Rossetto Ferreira<sup>1</sup>  
Priscila Iankowski Madeira<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este estudo aborda o ingresso de profissionais do sexo em hotéis executivos da região central de Porto Alegre (RS), a partir de entrevistas realizadas com recepcionistas noturnos. Os meios de hospedagem foram escolhidos por sua representatividade, todos pertencem a redes hoteleiras, a escolha de recepcionistas noturnos se justifica por ser, a priori, o horário que coincide com o período de não trabalho dos hóspedes executivos e por consequência de solicitação dos serviços de acompanhantes. A fundamentação teórica aborda o turismo sexual e a recepção hoteleira. A técnica de pesquisa é a entrevista guiada, com questões abertas, que possibilita maior liberdade de expressão dos respondentes, mas mantém uma orientação geral para as questões. Foi identificado que a presença de profissionais do sexo em hotéis executivos pode caracterizar parte do turismo sexual e que esta prática pode ocasionar uma fonte de renda extra para os profissionais da hotelaria à margem dos aspectos legais a respeito da prostituição.

**Palavras-chave:** Recepção hoteleira; *Check in*; Prostituição; Turismo Sexual.

### **Considerações iniciais**

Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul se tornou um destino de viagens de negócios e de eventos. Por esta característica o período de maior ocupação dos hotéis é durante a semana. Muitos executivos que viajam a trabalho, sozinhos, acabam procurando uma companhia, e por vezes solicitam os serviços de profissionais do sexo no hotel onde estão hospedados. O presente trabalho tem como tema “A prostituição nos hotéis executivos de Porto Alegre”.

Este tema será tratado a partir da questão de como é abordado e/ou autorizado o ingresso de acompanhantes – profissionais do sexo – em hotéis executivos de Porto Alegre, com vistas a identificar se os procedimentos padrão de *check-in* são executados em relação

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Metodista. E-mail: licianeferreira@uol.com.br.

<sup>2</sup> Centro Universitário do IPA. E-mail: priimadeira@hotmail.com

aos acompanhantes ocasionais. Descrever a forma de abordagem dos hotéis executivos à entrada de profissionais do sexo, como acompanhantes de hóspedes, é o objetivo geral deste estudo.

É possível que a prática do turismo sexual possa ser aceita, ou facilitada, ou até organizada por profissionais do setor do turismo, junto aos profissionais do sexo e/ou casas de meretrício. Pelo aspecto lucrativo do comissionamento da prostituição, tendo em vista a complementação salarial de mensageiros e recepcionistas, ou mesmo, como forma de atendimento ao cliente – em hotéis executivos, é grande o número de homens que se hospedam sozinhos, trabalham durante o dia e têm a noite livre, e ainda longe de seus lares.

Para caracterização do tema a fundamentação teórica contempla alguns aspectos do turismo sexual e da hotelaria, em especial no que se refere aos procedimentos de recepção. A seguir são apresentados os procedimentos metodológicos e os dados encontrados na pesquisa.

## **Turismo sexual**

O turismo sexual, embora seja disseminado como uma prática cada vez mais visível na sociedade contemporânea, não deve ser considerado somente um segmento da atividade turística – ao pressupor a existência de um mercado configurado – mas uma de suas perniciosas deformações. Sua existência reflete, de fato, a preexistência de problemas bem mais profundos, os quais, por sua vez, estão ancorados no coração das sociedades receptoras e emissoras de turistas (SOARES DO BEM, 2005, p. 19).

Soares Do Bem (2005, p.77) enfatiza que o turismo como motivação sexual é o fenômeno dos mais complexos. Para que ocorra, é necessário que vários fatores atuem simultaneamente nos países emissores e receptores, formando uma cadeia sistêmica e intercomunicante.

Conforme Barretto (2005, p.10) existe o turismo sexual, quando a motivação principal que atrai os turistas é a prática do sexo. Por sua vez, a OMT (Organização Mundial do Turismo) define turismo sexual como viagens organizadas internamente no setor turístico ou fora dele, mas que usa as estruturas e redes do setor com o objetivo primário para a efetivação da relação comercial sexual de turistas com os residentes nos destinos (SOARES DO BEM, 2005, p. 10).

O turismo embora seja uma atividade formal e responsável pela contribuição de divisas para a riqueza de um país, região, estado e, ou, cidade, apresenta em muitas oportunidades diversos turistas que recorrem às atividades de caráter informal, entre

elas a prostituição [...] freqüentados, por vezes, por uma clientela de turistas nacionais e internacionais que usufruem um conjunto de serviços necessários para atraí-los e situados em lugares fixos, tais como restaurantes, bares e hotéis, além de, evidentemente o espaço público (RIBEIRO, 1997, p. 104).

Ribeiro (1997, p. 114-115) cita os diferentes tipos de profissionais do sexo. Ele denomina de garotas de pista aquelas prostitutas que normalmente ficam circulando pelas ruas ou sentadas em capôs de automóveis estacionados, já as garotas de programa são as profissionais que se encontram em bares, restaurantes e boates, normalmente bem vestidas, mais instruídas e sem possuir um estereótipo de vulgaridade. E há os rapazes de programas, os chamados “michês”, que se encontram tanto nas ruas quanto em bares e restaurantes.

Para o Ministério do Trabalho<sup>3</sup>, o conceito de garota de programa é sinônimo de profissional do sexo: são garotas e/ou garotos que realizam programas sexuais em locais privados, vias públicas e garimpos; atendem e acompanham clientes, homens e mulheres, de orientações sexuais diversas; administram orçamentos individuais e familiares; promovem a organização da categoria.

Os estudos de Gabrielli (2004) mostram que é possível observar a atuação de verdadeiras *máfias* ligadas ao mercado do sexo no Brasil. Essas organizações, geralmente formadas por representantes brasileiros e europeus (especialmente alemães, suíços e italianos), atuam na atração de turistas sexuais ao país e no tráfico de mulheres para o exterior, com atuação principal na região Nordeste. Os intermediários dessas relações vão desde garçons, porteiros, seguranças, manobristas, faxineiros de *nights clubs*, bares, restaurantes, hotéis, até os organizadores dos pacotes de turismo sexual. Além de todos esses elementos, vinculados à “máfia do turismo sexual”, verifica-se ainda a ação de policiais corruptos que fazem “vista grossa” (GABRIELLI, 2004, p. 12).

Alegria, sensualidade, juventude, afetuosidade, submissão, docilidade, enorme disposição para o sexo e uma certa passividade caracterizam as mulheres brasileiras, delineando uma feminilidade particular e intrigante. Nela se entrelaçam aspectos considerados como “tradicionalistas” da sexualidade feminina em muitas culturas ocidentais – passividade, submissão, receptividade – e atributos recorrentes associados à figura da mulher no Brasil – pensada como passional, sensual, voluptuosa, até imoral, mas também ingênua e amorosa (PISCITELLI, 1996, p. 15).

Essa classificação de adjetivos realizadas por Piscitelli resume a imagem da mulher brasileira na visão dos turistas estrangeiros. A mulher brasileira talvez carregue este estigma de liberada, sensual, sexual, porque cresceu imersa em uma cultura miscigenada, peculiar,

---

<sup>3</sup> Disponível em [www.ministeriodotrabalho.com.br](http://www.ministeriodotrabalho.com.br)

envolta de uma fantasia alucinógena que é sustentada nos mais diversos meios de propagação desde o descobrimento do Brasil (CAETANO, 2003, p. 55).

Conforme propõe Caetano (2003, p. 57), há de se considerar alguns outros fatores que têm sido relevantes no desenvolvimento e proliferação do turismo sexual no Brasil, como: “o desemprego, a falta de oportunidades, a má remuneração; a atual publicidade abusiva; e a erotização do cotidiano e a banalização do sexo”. A autora mostra em seu estudo (CAETANO, 2003, p. 57) que há bons rendimentos financeiros para os envolvidos com o agenciamento e a facilitação da prostituição.

O turismo sexual escapa aos planejadores turísticos, segundo Soares do Bem (2005), por que estes não olham para o movimento da sociedade e não questionam o modelo o qual estão operando. O planejamento turístico acaba por contribuir, embora silenciosamente, para que o turismo sexual se reproduza e se utilize – ironicamente – da infra-estrutura por ele criada (SOARES DO BEM, 2005 p, 96-97).

### **O hotel e a recepção hoteleira**

Uma definição simples de hotel, dada por Cândido e Viera (2002, p. 13), pode ser: “Hotel é um estabelecimento comercial destinado a hospedar pessoas em viagens de negócios, lazer ou turismo, proporcionando-lhes conforto e bem estar”. Um ciclo de serviço é uma cadeia contínua de eventos pela qual o cliente passa à medida que experimenta o serviço prestado. Castelli (2001, p.131) enfatiza a importância do mapeamento dos diferentes ciclos de serviços para vários aspectos da organização, pois dessa maneira ela vai enxergar pelo ângulo do cliente.

No ciclo de serviço do *check in* de um hotel, existe a seqüência ordenada e contínua de uma série de eventos que o integram: ser acolhido pelo capitão porteiro; entregar a guarda do automóvel; ser conduzido à recepção; verificar a reserva; preencher a Ficha de Registro de Hóspedes; receber a identificação pessoal, a chave da unidade habitacional; ser conduzido para o apartamento; “tomar posse” do apartamento.

Toda vez que alguém deseja ingressar num hotel percorrerá este caminho. Castelli (2001, p.132) afirma que os ciclos de serviços, uma vez estabelecidos, se constituem num dos fundamentos essenciais do processo de educação e de treinamento de todos os colaboradores.

O trabalho que as pessoas executam pode ser feitos de inúmeras maneiras. É o caso, por exemplo, do *check in*, feito pelos recepcionistas. Dentre os vários procedimentos existem

alguns que são melhor adequados ao perfil de certos empreendimentos. Este passa a ser o Procedimento Operacional Padrão – POP. Uma vez definido o POP, deve haver o treinamento da equipe em sua execução (CASTELLI, 2001 p. 97-98).

A recepção de um hotel é o local onde o hóspede é primeiramente recebido em sua chegada, é a “sala de visita do hotel”. É nela que o hóspede forma sua primeira impressão do hotel, onde ele invariavelmente se direciona para solicitar informações, serviços, fazer eventuais reclamações ou elogios, e pagar sua conta na saída do hotel (CÂNDIDO E VIERA, 2002, p. 53). Cabe ao pessoal da recepção ser honesto, leal e responsável com as obrigações exigidas pela função, zelando pelo bem-estar do hóspede (CASTELLI, 2001, p. 163).

Segundo Cândido e Viera (2002, p. 123), a recepção, é onde se encontram alguns dos personagens que envolvem a situação da prostituição, que são os recepcionistas, *concierges* e toda a equipe de trabalho que envolve o *front-office* – inclui um conjunto de serviços como: recepção, reservas, telefonia e portaria.

Vallen e Vallen (2003, p. 40) classificam os hotéis, objeto desta pesquisa, como Executivos ou Hotéis de Trânsito. São locais para hóspedes de estada curta, trânsito temporário, com razões variadas para a viagem, especialmente os negócios. O viajante corporativo, o participante de convenções, executivos de empresas, consultores, profissionais autônomos e pequenos empresários formam a base de clientes.

#### *Alguns Cargos e Funções da Recepção Hoteleira*

Segundo Cândido e Viera (2004, p. 53) recepcionista de hotel é um funcionário que está subordinado diretamente ao chefe de recepção e tem como atividade principal o atendimento aos hóspedes. O auditor da noite é um recepcionista com responsabilidades contábeis especiais. Quando o hotel fica calmo (geralmente à 1 hora), o auditor faz os lançamentos não realizados nos plantões anteriores, incluindo a diária das unidades habitacionais ocupadas. O trabalho do auditor noturno exige inteligência, treinamento e integridade (POWERS e BARROWS, 2004, p. 200).

Segundo Cândido e Viera (2002, p.53), um *conciierge*, assim como um recepcionista, deve estar sempre bem informado sobre o hotel: horário de funcionamento dos demais setores, eventos que estão em andamento, tipos de Unidades Habitacionais existentes, tarifas praticadas pelo hotel, além de musicais e *shows* que acontecem na cidade, filmes e peças

teatrais em cartaz, horários de missa, horários de funcionamento de *shoppings* e demais fatos relevantes que possam auxiliar um hóspede.

Informações sobre outros hóspedes, assim como suas respectivas companhias, número do apartamento, etc., não devem ser fornecidas a qualquer pessoa. Somente terão acesso a esse tipo de informação colaboradores que trabalham na área da recepção, reservas e portaria social. Acima de tudo, a *conciérgeria* deverá manter a discrição. Da mesma forma, outras informações, tais como boates e clubes noturnos, deverão ser evitadas, pois nunca se pode adivinhar o que pode acontecer com o hóspede nesses locais (CÂNDIDO e VIERA, 2002, p. 123).

Em alguns hotéis do Brasil e de outros países são considerados acompanhantes dos hóspedes aquelas pessoas que preencheram juntamente com o mesmo, a identificação, a FNRH – Ficha Nacional de Registro de Hóspede – no momento do *check in*. Porém, existem outros onde a entrada de acompanhantes é permitida durante a estada, após o *check in* (CÂNDIDO e VIERA, 2002, p.127). O preenchimento da FNRH pelo hóspede deverá ser completo, os dados são importantes para o hotel, além dos aspectos legais exigidos. O hotel é responsável perante as autoridades pelas informações sobre a identidade dos hóspedes (CÂNDIDO e VIERA, 2002, p.113).

### **Procedimentos metodológicos**

Esta pesquisa utilizou-se de entrevista guiada, uma técnica que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas – pesquisador e respondente. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de uma pessoa para a outra, as perguntas dependem do entrevistador, e o entrevistado tem a liberdade de expressar-se como ele quiser guiado pelo entrevistador. O entrevistador pode ter uma idéia geral do tema da entrevista, mas o que interessa é o aprofundamento do entrevistado. Frequentemente as entrevistas são elaboradas com uma série de lembretes vinculados a cada pergunta (MINAYO, 1998, p.58).

As questões envolveram os seguintes tópicos: a permissão da entrada; o cadastro – exigência pelo hotel e recusa pelas acompanhantes; procedimento no caso de recusa; conhecimento das gerências sobre a prática; se a prática interfere na escolha dos hóspedes; horário de maior afluxo na entrada; se houve retorno de hóspedes pela facilitação da substituição; faixa etária dos hóspedes que demandam do serviço e atuação profissional.

As entrevistas foram realizadas com recepcionistas noturnos, pois neste período, a priori, há um número maior da entrada de profissionais do sexo acompanhando hóspedes. Antes de iniciar a entrevista, foram dadas as devidas explicações a respeito dos objetivos da pesquisa e da garantia de sigilo.

Mediante a autorização dos respondentes, as entrevistas foram também gravadas. Os hotéis executivos de Porto Alegre, selecionados para a pesquisa, estão localizados na região central da cidade e foram selecionados por possuírem uma alta ocupação por executivos durante a semana e por se concentrarem próximos dos centros comerciais e da vida noturna. Outro fator relevante para a escolha dos três empreendimentos é que estes pertencem a redes hoteleiras, e, a priori, possuem procedimentos padronizados de recepção.

Não serão identificados os nomes dos hotéis e dos recepcionistas entrevistados por questões de privacidade, solicitados pelos mesmos. Os hotéis serão representados e mencionados pelas letras “A”, “B” e “C”.

#### *Síntese das entrevistas*

O hotel “A” é de uma categoria executiva econômica, conforme definido pela entrevistada, o perfil de algumas acompanhantes se enquadram como garotas de pista, segundo Ribeiro (1997), ou seja, profissionais que atuam nas ruas e que, conforme a entrevistada se percebe uma caracterização no estilo de roupas utilizado.

O hotel “A” não apresenta nenhuma restrição na entrada de acompanhantes ou profissionais do sexo, exceto: se a acompanhante negar-se a preencher a FNRH, ou se a garota for menor de idade (a verificação é feita através do documento de identidade). Geralmente, a partir das 21h inicia a entrada das profissionais do sexo no hotel, que libera 20 minutos para a acompanhante permanecer na unidade habitacional sem custo algum, após este prazo é cobrado do hóspede R\$ 30,00 por hora adicional.

Os hóspedes que usufruem deste tipo de serviço se enquadram como executivos, na faixa etária entre 30 e 50 anos de idade. O hotel não permite a entrada de menor de idade sem a autorização dos pais ou comprovação de vínculo familiar. A pessoa entrevistada não soube precisar se já houve o retorno de algum hóspede ao hotel motivado pela possibilidade de acesso de acompanhantes.

No relato da entrevistada foi informado que as garotas de programa, das casas de meretrício, chegam ao hotel de táxi ou com o motorista das “boates”. Alguns clientes não

perguntam à recepção se é aceita a entrada de profissionais do sexo, e, dependendo do perfil da garota de programa, não há como distinguir sua profissão em relação a outras mulheres.

O hotel “B” não apresenta nenhuma restrição para a entrada de acompanhantes ou profissionais do sexo. Nos casos em que as acompanhantes negam-se a preencher o formulário criado pelo hotel “B”, não é permitida a sua entrada, a não ser que o hóspede assine um documento se responsabilizando pela acompanhante. De acordo com o recepcionista noturno, o hotel “B” apresenta uma boa aceitação dos hóspedes por não ter restrições na entrada de acompanhantes, e os profissionais que trabalham no hotel “B”, influenciam e facilitam este tipo de atividade, pois há o comissionamento pelas casas noturnas às indicações feitas. Uma peculiaridade é que neste hotel o documento de identidade, da profissional do sexo, é foto copiado e arquivado com os documentos do hóspede.

O fluxo das acompanhantes inicia a partir das 22h e o perfil dos hóspedes que solicitam este serviço é de homens executivos, na faixa etária entre 35 e 55 anos de idade. O hotel não permite a entrada de menor de idade sem a autorização dos pais ou comprovação de vínculo familiar.

A entrevista realizada com o recepcionista noturno do hotel “C” mostra que este hotel não apresenta restrições na entrada das acompanhantes ou profissionais do sexo, mas todas, no *check in*, devem, obrigatoriamente, preencher a FNRH – que fica arquivada no hotel por um período de seis meses. Caso a acompanhante não aceite preencher este formulário, é proibida sua entrada na unidade habitacional, mesmo que o hóspede queira se responsabilizar. O procedimento é padronizado nesta rede hoteleira e consta em manual de treinamento.

Os profissionais que trabalham neste hotel são comissionados pelas casas noturnas por suas indicações, o que motiva a facilitação junto aos hóspedes – que ao mesmo tempo sentem-se seguros pela recomendação do serviço.

Através destes “favores” o hotel fideliza os seus hóspedes. A entrada das acompanhantes no hotel geralmente começa ocorrer a partir das 23h e a permanência vai até às 4h. A faixa etária dos executivos que utilizam o serviço fica entre 40 e 60 anos. O hotel não permite a entrada de menores de idade sem a autorização dos pais ou a comprovação de vínculo familiar.

### *Considerações sobre o tema*

Os profissionais do sexo muitas vezes são pessoas discretas, bem vestidas, alguns são políglotas, podendo atender turistas estrangeiros, é o que acontece com as acompanhantes que freqüentam os hotéis “B” e “C”. Muitas dessas garotas pertencem a casas noturnas famosas da cidade de Porto Alegre, utilizam roupas da moda, ou vestimentas discretas, passando despercebidas entre os demais hóspedes, conforme o relato dos recepcionistas noturnos entrevistados.

Em dois hotéis (“A” e “C”), o procedimento do *check in* ocorre de acordo com o que sugerem Cândido e Viera (2002) ao definirem que acompanhante é aquela pessoa que preenche a FNRH ao dar entrada no hotel. O *check in* de acompanhantes deveria ser rigoroso, para manter em segurança o hóspede e ao mesmo tempo o hotel. Apenas o hotel “B” permite a entrada de profissionais do sexo sem documentação, neste caso o hóspede fica responsável por quem o acompanha.

Os entrevistados foram unânimes em dizer que os gerentes estão cientes da entrada de profissionais do sexo nos empreendimentos. No hotel “B” foi criada uma norma de *check in* para profissionais do sexo, e consta no manual de atendimento padrão. No hotel “C” também existe um padrão de procedimento no manual.

Uma criança ou adolescente, sem autorização ou comprovação de vínculo familiar, não sobe para a unidade habitacional como acompanhante de hóspede em nenhum dos três hotéis estudados. De acordo com os entrevistados, não ocorre a exploração sexual infanto-juvenil nestes estabelecimentos.

Pelo comissionamento das casas de meretrício aos funcionários dos hotéis, existe a facilitação motivada pela complementação salarial. É possível considerar esta prática como turismo sexual por utilizar as estruturas do setor turístico, neste caso os hotéis, conforme definido pela OMT.

Não são somente os hotéis que colaboram para a ocorrência do turismo sexual, mas sim toda uma rede envolvendo taxistas, guias de turismo, agências de viagem, entre outros. O turismo sexual foge à gestão dos planejadores turísticos, ao não observarem o que ocorre com a sociedade, o que acarreta na ampliação do sistema.

Conforme Cândido e Viera o hotel deve proporcionar conforto e bem estar aos hóspedes. Ao fazer parte da rede de prostituição este conforto e bem estar permite pode estar comprometido quando existe a tolerância de pessoas não registradas circulando pelas

dependências do hotel – à parte dos riscos de que menores de idade utilizem documentos de identidade com dados falsos.

### **Considerações finais**

Todos os hotéis pesquisados realizam o *check in*, mas cada um deles com suas particularidades. Existe a presença de profissionais do sexo nos hotéis executivos pesquisados, e a autorização das gerências para tal. Dificilmente o hotel autoriza entrevistas com os empregados quando o tema é Turismo Sexual, o que força a necessidade de sigilo da identidade dos entrevistados.

Considerando que, no ambiente hoteleiro, a segurança e o bem-estar dos hóspedes é responsabilidade do empreendimento, muitos hotéis adotaram medidas para inibir e regular a presença de profissionais do sexo em suas unidades habitacionais. Por outro lado, o agenciamento da prostituição por parte dos recepcionistas de hotel é remunerado em altas cifras pelas casas de meretrício, chegando a equiparar em uma noite, através das comissões, o valor do salário mensal do cargo.

De forma geral no Brasil a posição dos meios de hospedagem em relação a essa prática, parece corresponder a três possibilidades: a tolerância, o incentivo e a intolerância (ROSSETTO FERREIRA, 2007). Alguns hotéis toleram a presença de profissionais do sexo para atender à demanda de seus hóspedes, com certa assiduidade: são executivos que recorrem aos serviços sexuais e utilizam a unidade habitacional para tal. Outros meios de hospedagem incentivam a prática ao oferecerem aos hóspedes um *book*, como um cardápio, com profissionais do sexo, que freqüentam o hotel quando há solicitação. A postura de intolerância pode ser reconhecida com maior constância em hotéis nordestinos que aderiram a campanhas de combate ao Turismo Sexual, entretanto, barrar a presença de profissionais do sexo pode ser difícil no momento em que o visitante estrangeiro faz o registro de acompanhante.

A partir dos estudos de Rossetto Ferreira (2007) sobre o tema, relatos acerca do Turismo Sexual, que envolvam o ponto de vista feminino, no assédio aos homens, são raramente encontrados e dizem respeito muito mais a mulheres maduras, descasadas, do hemisfério norte, que buscam sexo comercial em países caribenhos, com homens nativos, tal é o caso de Cuba. Do mesmo modo, a partir das entrevistas, foi possível perceber que a

demanda por profissionais do sexo na hotelaria executiva é dos hóspedes do sexo masculino, de uma ampla faixa etária, variando dos 30 aos 60 anos.

A pesquisa em Ciências Sociais aplicadas busca a compreensão dos fenômenos, o que abre espaço contínuo para novas investigações, uma vez que a sociedade é dinâmica, e as múltiplas relações humanas. O estudo por hora apresentado se encontra na condição de uma primeira etapa, não conclusiva, sobre o tema. Há espaço para ampliação do número de meios de hospedagem pesquisados, bem como da localização e categoria, para um panorama mais amplo sobre o assunto.

## Referências

- BARRETO, M. in SOARES DO BEM. **A dialética do Turismo Sexual**. 1.ed. Campinas: Papirus, 2005
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CAETANO, Rossana. **A construção da imagem da mulher brasileira como atrativo turístico: do estereótipo à corporificação**. Caxias do Sul: 2003 (Dissertação de Mestrado) UCS.
- CASTELLI, Geraldo. **Administração hoteleira**. 9. ed. revisada Caxias do Sul: EDUCS, 2001
- DAVIES, Carlos Alberto. **Cargos em hotelaria**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.
- GABRIELLI, Cassiana Panissa. **Sexualidade, Identidade e Imagem das Brasileiras no Turismo**. Caxias do Sul: 2004 (Dissertação de Mestrado) UCS.
- MINAYO, Cecília. **Pesquisa social**. Organização de Maria Cecília de Souza Minayo. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998
- PÉREZ, Luis Di Muro. **Manual prático de recepção hoteleira**. Tradução de Andréa Favano. São Paulo: Roca, 2001.
- POWERS, Tom; BARROWS, Clayton W. **Administração no setor de hospitalidade: turismo, hotelaria e restaurante**. Tradução de Ailton Bomfim Brandão. São Paulo: Atlas, 2004.
- RIBEIRO in **Turismo, modernidade, globalização**. Organização de Adyr Balastrieri Rodrigues. São Paulo: Hucitec, 1997.
- RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999
- ROSSETTO FERREIRA, Liciane. **A comunicação e o turismo sexual. As garotas do Brasil – um olhar hermenêutico**. Porto Alegre, 2007 (Tese de Doutorado). PUCRS.
- SOARES DO BEM, Arim. **A dialética do Turismo Sexual**. 1.ed. Campinas: Papirus, 2005
- VALLEN, Gary K.; VALLEN, Jerome J. **Check-in, check-out: gestão e prestação de serviços em hotelaria**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- VIERA, Elenara Viera de. **Marketing hoteleiro: uma ferramenta indispensável**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- VIERA, Elenara Viera de; CÂNDIDO, Índio. **Recepção hoteleira**. EDUCS, 2002